

ALVORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

3.º Ano—N.º 133

Editor, Abel de Vasconcelos Cardozo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 5 de Junho de 1913

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesa

«Considerando que a cidade de Guimarães justamente se orgulha de ser a terra onde nasceu Gil Vicente, o insigne poeta dos autos;
Considerando que foi em 8 de Junho de 1502 que Gil Vicente recitou, pela vez primeira, o *Monólogo dum vaqueiro*, fundando assim o Teatro Português;
Considerando que tal acontecimento, devendo ser condignamente comemorado em todo o país, muito mais o deve ser no concelho de Guimarães por ter sido um vimaranense o glorioso iniciador do Teatro Português;

A Comissão Administrativa da Câmara propõe que a municipalidade de Guimarães considere feriado, dentro da área do concelho, o dia 8 de Junho de cada ano, por nesse dia passar o aniversário da fundação do Teatro Português pelo vimaranense Gil Vicente.»

GIL VICENTE

A sua vida—O seu tempo—A sua obra

Eu não venho fazer um longo estudo sobre a vida e obra do immortal comediante Gil Vicente. Que era impossível realizar a tentativa da sua execução no exíguo espaço de algumas simples colunas de jornal, todos os eruditos o sabem. Mas nem por isso deixarei de servir, tanto quanto em minhas forças caiba, a intenção que formulei de dar aqui aos meus conterrâneos, em fixadas sínteses, cada um dos aspectos mais interessantes e notáveis da vida e história desse inovador celeberrimo—por certo uma das mais brilhantes figuras portuguesas da nossa galeria artística de todos os tempos.

Antes, porém, preciso de referir-me elogiosamente a um facto público, que fica como um título de garantia do estado de cultura de uma quarta parte da sociedade vimaranense do nosso tempo. Preciso de referir-me à resolução honrosa do município de Guimarães, que em uma das sessões deste ano resolvera consagrar o dia de festa da cidade à homenagem justificada da nossa querida Guimarães ao immortal comediante do *Auto da Índia*. Essa resolução—no meu entusiástico e sincero entender, assim como no de toda a gente culta a quem gostosamente o hei comunicado—dá um título de alta representação cívica e intelectual à terra em que todos nascemos. Não é uma exibição de obsessivo ou snóbico idolatrismo; é, antes e milhor que tudo, uma prova do conhecimento histórico e artístico, de uma natureza superior, que hoje (infelizmente) nem todas as municipalidades podem e sabem realizar, como exame dos seus recursos e como lição, certamente profícua, do seu nobre exemplo. E, pois, de um facto ilustre e anormal de que se trata. Honra a quem soube realizá-lo!

I

Vimaranenses:

A vida de Gil Vicente é, ainda hoje, de uma obscuridade cronográfica verdadeiramente triste.

Nem a data do seu nascimento, nem a da sua morte, apesar

de inúmeros trabalhos investigativos, foi ainda possível fixar.

Pareceu plausível aos beneméritos editores das Obras de Gil Vicente, publicadas em Hamburgo no ano de 1834, por uma expressão escavada de um dos autos do poeta, que ele deveria ter nascido por 1470. Porém, esta opinião não pode considerar-se definitiva. Outros textos da obra de Gil Vicente podiam, do mesmo modo, contradizer aquela opinião, embora ela seja digna de todo o respeito, visto ser, de todas, a mais razoável. E isso mesmo opinou um investigador erudito (1), o qual considerando a exposição dos editores aludidos, as considerações do comediante exaradas na carta escrita em 1531 a Dom Joam III, e ainda o que Gil Vicente escreveu no prólogo para as suas obras, que estava coligindo no último período da sua vida, parece que o facto se deve ter dado entre 1470 e 1475.

Teria portanto Gil Vicente, quando apresentou o seu primeiro ensaio dramático, de 31 a 36 anos. Nasceu Gil Vicente na então vila de Guimarães (2), sendo filho de Martim Vicente, lavrante de prata, e duma senhora cujo nome, infelizmente, se desconhece.

Foi em Guimarães, nas escolas da Colegiada ou mesmo naquela que então sustentavam, e com grande brilho, os monges de S. Jerónimo, do convento da Costa, que Gil Vicente fez os seus primeiros estudos?

Não pôde o caso ainda ser certificado.

Alguns escritores afirmam que o illustre comediante cursara a Universidade de Lisboa nos primeiros anos da sua mocidade e vida literária, mas nem disso, sequer, nós temos hoje um documento preciso, bem determinado, categórico.

O certo é que Gil Vicente deixara cedo a sua terra natal, e se dirigiu a Lisboa, a casa de seu tio, o célebre fabricante da *Custódia de Belem*, e ali principiou

(1) Brito Rebelo—Ementa Histórica, pag. 77.

(2) Teófilo Braga—História do Teatro Português, pag. 32.

ou continuou os seus estudos de humanidades, e por certo os seus indecisos ensaios de obra poética.

A 7 de Junho do ano de 1502 encontrámo-lo na corte. Como entrara no paço suntuoso de D. Manuel I o inspirado filho do modestíssimo ourives de Guimarães? Pela popularidade do seu nome de tropeiro? Pela mão de seu tio ourives, que era ao tempo lavrante do Paço? Esta última evocação parece-me a mais plausível, visto que a família do lavrante de Guimarães era de uma natureza social frisadamente plebeia.

Desde essa primeira (?) entrada no Paço toma um aspecto singular de popularidade e grandeza a vida de Gil Vicente. Nunca mais o seu nome deixou de entrar na crónica das grandes solenidades palacianas, assim como nunca mais o seu estro pôde ser dispensado junto dos elementos régios e galantes daquele tempo.

Com essa primeira tentativa do *Monólogo do Vaqueiro* ou *Auto da Visitação*, Gil Vicente chegou, viu e venceu. No seu género de vitória, conquistou a Índia da poesia com quatro páginas de trabalho. Esse, creio, o seu maior triunfo.

E, continuando o seu subsídio a bibliografia vicentina, conta a rúbrica da peça o modo como fôra representado esse primeiro Auto de Gil Vicente perante a corte de Dom Manuel I:

Na madrugada do dia 6 de Junho de 1502, teve a rainha Dona Maria, segunda mulher de El-Rei D. Manoel, o seu livramento, dando à luz uma criança do sexo masculino, que foi o príncipe Dom João, depois rei Dom João III.

Na segunda noite desse parto (7 de Junho de 1502) achavam-se na câmara da rial puérpera, além de El-Rei Dom Manoel, seu espôso, a duquesa de Bragança, irmã deste, e a mãe de ambos, a infanta D. Beatriz. Entrou a certo tempo um vaqueiro, que, fingindo-se agredido pelos guardas à entrada, refere o que se passou nesse conflito; depois, dirigindo-se ao príncipe e à rainha, apresenta-lhe as suas felicitações, em frase apropriada, exaltando-lhe os

seus ascendentes, e termina por fazer entrar diversas figuras em traje de pastores, que oferecem ao recém-nascido vários presentes.

E a rúbrica acrescenta:

«E por ser cousa nova em Portugal, gostou tanto a rainha velha (Dona Leonor, viúva de Dom João II) desta representação, que pediu ao autor que isto mesmo lhe representasse às matinas do Natal, endereçado ao nascimento do Redentor, etc.»

Tinha nascido nessa noite, criado ao fogo de homens de génio—o Teatro Português!

É esse homem, Gil Vicente, era filho de Guimarães!

Como acima contei, desde a representação desta obra nunca mais Gil Vicente se desligou da corte. Constituindo uma companhia de curiosos, que dirigia e da qual ele próprio fazia parte, representando os primeiros papeis, não só fêz a alegria e o divertimento dos elementos palacianos durante a sua estada em Lisboa, como também os acompanhou sempre que se realizavam as suas visitas e estações nos paços de Cintra, Almada, Évora, Almeirim, etc., levando os seus comediantes a representar autos.

Assim, ainda no ano da recitação do *Monólogo do Vaqueiro*, representa, a 24 de Dezembro, o seu admirável *Auto pastoril Castelhano*; a 6 de Janeiro de 1503, o *Auto dos reis magos*; a 24 de Dezembro do mesmo ano o *Auto da Sibila Cassandra*; a 6 de Junho de 1504, nas Caldas da Rainha, o *Auto de S. Martinho* e (?) o *Auto dos Quatro Tempos*; em 1505 representa nos novos paços da Ribeira a farça do *Escudeiro pobre*, que o vulgo denomina *Quem tem farelos*; em Março de 1506 recita em Abrantes um sermão, pelo nascimento do Infante Dom Luís; em 21 de 1508 representa em Lisboa, a Dom Manuel, o *Auto da Alma*; em 1509, o *Auto da Índia*; a 24 de Dezembro de 1510, o *Auto da Fé*; em 1512, a farça do *Velho da Horta*; em Agosto de 1513, a tragi-comédia *Exortação da Guerra*; em 1514, a *Comédia do Viuvo*, na qual figuram duas fi-

lhas de Gil Vicente, Paula e Melicia; em 1516, o *Auto da Fama* e (?) ainda o *Auto das Fadas*; no ano seguinte, em Março, o *Auto da Barca do Inferno*; em 24 de Dezembro de 1518, o *Auto da Barca do Purgatório*, e ainda talvez as trovas ao Conde de Vimioso e a farça *Caça de Segredos*; em 1519, o *Auto da Barca da Glória*; em 1521, pelo casamento da Infanta Dona Beatriz, a tragi-comédia *Cartas de Jupiter*, a *Farça das Ciganas*, e ainda em Évora, a *Comédia de Rubena*; em 1522, os *Prantos de Maria Parda*; em 1523, a *Farça de Inês Pereira* e o *Auto Pastoril Português*; em 1525, a tragi-comédia *Fragoa de Amor* e a farça *Juíz da Beira*; em 1526, a tragi-comédia *Templo de Apolo* e as *Farças dos Almocreves* e *Farça do Clérigo da Beira*; em 1527, a comédia *Divisa da Cidade de Coimbra*, a tragi-comédia *Serra da Estrela*, o *Auto da História de Deus*, o seu complemento, *Diálogo sobre a Ressurreição*, e ainda a comédia *Nau de Amores* e o *Auto da Feira*; em 1529, a tragi-comédia *Triunfo do Inverno*; em 1531, em Novembro, o *Auto da Lusitânia*; em 1533, a tragi-comédia *Amadiz de Gaula* e a *Romagem dos Agravados*; em 1534, a abadessa de Odivelas, o *Auto da Cananã*, e ainda, na corte, o *Auto de Moffina Mendes*; e em 1536, em Évora, a comédia *Floresta de Enganos*, última peça que compoz Gil Vicente, como o conta a rúbrica.

É este homem que enriquecera a arte nacional com o trabalho constante de 34 anos, se não morreu de fome, e os seus, não lhe sobrou, como ele próprio diz, dinheiro que deixasse:

.....
Que o medrar se estivera em trabalhar ou valera o merecer, eu tivera que comer, e que dar, e que deixar! (1)

Mas não me esqueçam as nos-

(1) Obras de Gil Vicente—Lisboa, 1852, vol. III, pag. 381.

sas poucas notas sobre a família de Gil Vicente, que são, creio bem, uma parte interessante da sua bibliografia.

Já sabemos que Gil Vicente estivera nos seus primeiros tempos de Lisboa em companhia de seu tio, o lavrante da *Custódia de Belem* (1). Agora vamos conhecer que, entre 1488 a 1490 (por tanto com, aproximadamente, dezoito a vinte anos de idade) Gil Vicente casara com Branca Bezerra, de cujo consórcio temos a notícia do nascimento de dois filhos: um deles, Berchior Vicente, que deve ter nascido por 1504 a 1505, que em 1535 estava com seu pai em Évora, e que teve mais tarde o cargo de escrivão da feitoria de S. Jorge da Mina, casando com Guiomar Tavares, entre 1535 e 1540, de quem houve duas filhas, Paula Vicente e Maria Tavares; do outro, de nome Gaspar Vicente, existe apenas uma leve indicação no índice do livro das moradias da casa real de 1518.

O epitáfio escrito sobre a morte de sua mulher Branca Bezerra e as indicações deixadas na sua *Comédia do Viuvo*, levam-nos à convicção de que Gil Vicente já havia enviado em 1514 e passara depois a segundas núpcias, casando com Melícia Rodrigues, de cujo consórcio nasceram três filhos: Paula Vicente, a tangedora de harpa e moça da câmara da erudita infanta D. Maria (2); Valéria Borges (cujo apelido parece ser o de sua avó paterna), casada com Pero Machado, moço da Câmara do Rei, e depois, pela morte do primeiro marido, com D. António de Almeida e Menezes; e, por último, Luís Vicente, que aos dezasseis para vinte anos era denunciado ao Santo Offício, que em 1516 compilava com sua irmã, Paula Vicente, as obras de seu Pai, e que chegou a ser nomeado escrivão do tesouro da casa real.

Eis o que até hoje foi possível averiguar acerca da vida e família do genial iniciador do Teatro Português.

II

A obra das descobertas portuguesas iniciada no reinado de D. João I, pelo singular alcance político do espírito do infante D. Henrique, foi o plano gerador do grande período da Renascença Portuguesa, durante a qual a nossa Pátria conquistou o primeiro lugar entre as nações do mundo.

A conquista de Ceuta, no reinado daquele rei—a quem os historiadores chamaram, com justiça, de «Boa Memória»; a tentativa da tomada de Tanger, no reinado de D. Duarte; a conquista de Alcácer Ceguer, Arzila e Tanger, definitivamente, durante o governo de D. Afonso V; e, por último (na classe das tentativas), o desdobramento da Índia, pelas caravelas de Vasco de Gama, enviadas nos últimos anos do reinado de D. João II—a maior figura de rei que Portugal teve—todos esses factos, de uma altíssima significação política, económica, artística e social, produziram o maior período de prosperidade e grandeza que os portugueses tem tido.

Quando, pela morte de Dom João II, seu primo, o Duque de Beja, subiu ao trono, Portugal ia entrar no mais alto—e por isso mesmo no mais perigoso—dos seus momentos de vida. Vasco da Gama, cujas naus haviam partido há muito, demorou longo tempo, em luta com o mar tenebroso, a notícia das suas maravilhosas descobertas na Ásia e na costa sul da África. El-Rei Dom Manuel ansiosamente esperava o seu regresso, o qual, a muitos,

já parecia impossível, e a tantos outros era ainda o fogo comovido e ansioso dum grande crença. Estava o rei em Cintra, numa tarde de verão, em doce novena a Nossa Senhora da Pena (1), e voltado de acaso ao mar, alguém viu surgirem ao lume da barra as caravelas que em triste manha de lágrimas e saudades tantos viram partir, em Lisboa, do areal tristonho do Restelo.

Portugal havia conquistado um dos maiores títulos de glória da raça latina!

A Índia—como um diamante enorme, de um brilho estranho—faiscava ao sol na palma da sua mão.

Essa glória—e sucessivamente, todas aquelas que à nossa Pátria conquistaram as armadas de Bartolomeu Dias, Afonso de Albuquerque, Pedro Álvares Cabral e tantos outros navegadores portugueses—incutiu na vida da corte portuguesa uma era de faustuosidade deslumbrante—a razão máxima da nossa queda tremenda, mais tarde, no combate singular de Alcácer-Kibir.

Os paços das Alcáçovas, no alto do Castelo, eram já então um tanto acanhados para o desenvolvimento que a vida pública e particular ia tomando. (2)

A população de Lisboa já não podia conter-se dentro das velhas muralhas que o rei Dom Fernando mandara edificar. E começaram então as obras de construção do Paço da Ribeira, para a corte, e de grandes palácios, fora das muralhas e em sitios desafogados, para a melhor nobreza do reino.

Dentro de alguns anos (?) o rei Dom Manuel pôde instalar-se no seu novo paço, que ficava na margem norte do Tejo, junto à Casa ou repartição da Guiné e Índia. E aí então principiou, verdadeiramente, a vida sumptuosa do monarca felicíssimo, vida imensa de arte, de prazer, de luxo e prodigalidade, cujos serões riais ficaram, nas crónicas e nos romances, de memória eterna.

Princesas, fidalgos cavaleiros, navegadores, cronistas, poetas, músicos célebres, lavrantes de ouro, pintores, camareiros, vassallos e bobos, toda essa onda de um brilho de ourivesaria, vestida de veludos e rendas flamandêsas, perfumada das mais capitosas essências da Índia e dos mercados célebres da Europa de então, riu, namorou, dançou e magnificamente se exibiu à luz ensanguentada de centenas de tocheiros, entre a recitação dos autos, as facécias dos bobos, o talento dos músicos e a inspiração lírica dos troveiros quinhentistas.

O resultado das emprêzas marítimas justificava, meglomáticamente, este resultado.

Pois no meio dessa vida de fausto, de arte, de conforto e de prodigalidade—para que unicamente, quasi, serviram os bens saquados na África, na América e na Ásia, pelos portugueses do século XVI—no meio dessa vida de feeria viveu Gil Vicente, recitando os seus autos, recebendo os seus milhores aplausos.

Ali representou ele, num dia célebre, pelo casamento da infanta D. Beatriz, depois duquesa de Saboia, o simbolismo decorativo e brilhante da tragi-comédia *Cartas de Jupiter*. Ali mesmo recitou o auto de génio, após a morte de sua primeira mulher, aqueles versos que o esplendor do paço não compreenderia bem, na sua imensa ternura, e que pertencem à *Comédia do Viuvo*:

Alegre com mi alegria
com mi tristeza llorava;
pronta a quanto yo decia,
queria lo que yo queria.
amava lo que yo amava...

À quel diós que la llevó
pido yo
muerte luego por victoria,
pois la vida de mi gloria
ya pasó!...

Viveu bem, Gil Vicente? Viveu, como já dissemos, como era estritamente necessário a um homem de representação social que tinha, além dessa pesada obrigação, longas obrigações de família.

O oiro vindi por razão de tantos e tam rasgados cometimentos, raro chegava às mãos desse poeta de génio, plebeu ilustre pela grandeza do seu espírito, e que então, entre uma corte de dezenas de vezes milionária, com o seu gibão humilde e a sua gorra de veludo ombreou em valor com as mais altas figuras do tempo: Bartolomeu Dias, Dom João de Castro, a Infanta D. Maria, Afonso de Albuquerque, Luisa Legea, Damião de Gois, etc.

A corte viveu infernalmente, delirantemente, a loucura do oiro; Gil Vicente, que a enriqueceu de espírito, quasi que morreu de miséria.

Já isto então, em casos de interesse artístico... era Portugal...

III

A obra de Gil Vicente é o último período deste despretençioso mas comovido estudo.

Convém notar, porém, que eu não escrevi para letrados, mas para o povo, para os vimaranenses que não conhecem, tendo obrigação de conhecer, a vida e obra daquele que é uma das maiores glórias da sua terra.

Escrevi ligeiro e creio que claramente—de modo a tornar as minhas palavras, como lição, de todo o modo singelas e expressas.

Já nós sabemos onde nasceu Gil Vicente, quem foi seu pai, quando veio para Lisboa, como entrou na corte, o que foi o seu incessante trabalho, com quem casou, os filhos que teve, os poucos proveitos que recebeu e, ainda, conhecemos também a grandeza de Portugal no seu tempo e os heróis e os artistas com quem convivera. Vamos conhecer agora os sentimentos que produziram a sua obra.

A obra de Gil Vicente é uma série enorme de trabalhos de teatro, quasi todos vividos e escritos à luz do primeiro momento de inspiração; todas marcando, singularmente, não só a espontaneidade do seu engenho, como a vibração sempre desigual do seu temperamento impulsivo e, portanto, largamente feita de desigualdades na transposição da obra idealizada.

Gil Vicente tem a marca do seu alto talento—do seu génio, direi—na união que se estabelece dessas duas faculdades predominantes: a desenvoltura, largamente lançada, dos seus versos, e o domínio que os mesmos ainda hoje tem sobre o nosso espírito—a sua eternidade.

Toda a sua obra fala dessa notável e singular característica.

Antes de Gil Vicente não existia teatro em Portugal? Teatro, no sentido artístico da palavra, não.

Antes de Gil Vicente existiam longos e pitorescos motivos de encenação religiosa, os quais se representavam pelas matinas do Natal, em dia de Corpus-Cristi, e por várias outras solenidades religiosas do ano, ao anteparo dos templos. Além disso, a poesia provençal algumas influências deixou, desde a sua entrada na península, pelos princípios do século XII, na faculdade de recitação com que induzia os seus conhecidos. Não devemos esquecer também a inspiração de novos motivos francêses que trouxeram para Portugal os dois celeberrimos trózes que viveram na corte de D. Sancho II. Mas a mais directa inspiração de Gil Vicente foram, sem dúvida, os autos religiosos pelas festas da natividade

e de Corpus-Cristi, aos quais ainda agora nos referimos.

Nesse género os seus primeiros autos.

Mas como encenou Gil Vicente a sua obra lírico religiosa dos primeiros tempos? Quem foi o seu inspirador? Qual dos comediantes?

E' certo que antes de nascer o teatro português, o qual foi fundado por Gil Vicente—como adiante se verá—existiu no mundo um grande período de teatro—na Grécia—do qual foram agitadores, fazendo representar as suas enormes tragédias e farças e idílios, Eschylo, Sophocles, Euripedes e Aristófanes—este último um dos maiores, senão o maior, depois de Virgílio, dos poetas líricos de todos os tempos. Esse teatro, porém, em nada influenciou Gil Vicente. Queremos crer, mesmo, que o nosso poeta pouco ou nada o conheceu. E esta nossa afirmação resulta do estudo ao seu modo de encenar posto em paralelo com o de quaisquer dos grandes poetas dramáticos da Grécia. Gil Vicente em nada se parece com eles. Os gregos conheceram o teatro, valha a verdade, como Gil Vicente nunca chegou a conhecê-lo. E é nesse parecer, portanto, que o motivo popular dos autos religiosos, aliado aos primeiros, e já aplaudidos bosquejos dramáticos de Juan del Eucina, poeta espanhol, foram quem em primeiro lugar guiaram a inspiração desse vimaranense ilustre.

Temos, pois, que os primeiros motivos dramáticos de Gil Vicente são de origem popular, manobrados, artisticamente falando, pela inspiração não só das éclogas como dos bosquejos teatrais do poeta espanhol do seu tempo, Juan del Eucina. Os seus assuntos então eram o nascimento do Menino, a corografia animada dos grandes motivos religiosos, e raro uma sátira como aquelas que mais tarde vieram a ocupar quasi toda a idealização da sua obra scênica.

Nesse primeiro período revelou-se Gil Vicente o minhoto religioso e sentimental. Mas é essa a sua única característica minhoto na primeira e religiosa feição dos seus autos? Não. Lá se vê uma outra e mais predominante característica—a da sua maneira de envolver figuras comuns, do seu tempo, com uma população estranha e fabulosa de *anjos, serafins, virgens* etc., em que o seu meglomanismo de minhoto, nato e puro, se exalta e, espiritualmente, se desoprime. Se eu não tivesse a pena autorizada dos mestres a provar-me que Gil Vicente era filho de Guimarães—era minhoto—não precisava de outro **facto psicológico** para adquirir uma alta e segura convicção.

Como disse, nem só autos religiosos escrevera Gil Vicente. Além desses temos os autos onde a sátira maneja a sua aljava de fogo: os seus autos bucólicos e humorísticos, as suas tragi-comédias, as suas farças e os imensos chistes ardentes que, mesmo a meio das peças com figuração mística, entremetem.

E nessa classe das suas peças humorísticas—de um humorismo satírico implacável—está o maior número da documentação que justifica a eternização, a glorificação do seu nome.

Foi sagaz, cortante, violenta, por vezes, e inexcedível de espontaneidade a sua enorme ironia.

O clero do tempo—perdulário, obeso e inútil—mereceu-lhe sátiras quasi constantes, mortmente o clero conventual, os frades. A fidalguia que ele cumprimentava de hora a hora, nas ante-câmaras riais, ficou na sua obra, como *vitima*, um paralelo com a cleresia. E um dos mais vivos documentos dessa obra de combate, com um grande fundo patriótico, está bem marcado—**eternamente vivo**—na trilogia das *Barcas*, uma das obras mais perfeitas de Gil Vicente.

Ali tudo recebe o castigo que merece. A magistratura, o clero, a fidalguia, o operariado, o embusteiro e o ásno, todos estão, sob as mãos da justiça divina, fielmente retratados em suas culpas no primeiro dos autos: o do *Inferno*. Outros, menos criminosos em sua vida e actos, permanecem, esperançados, na barca do *Purgatório*. E então aqueles que em sua vida serviam, com amor, a Família, a Pátria e Deus, esses glorifica-os o mestre Gil dos autos, no auto último dos autos dessa trilogia dantêsca: o *Paraíso*, fazendo que ascendam ao céu.

Esta leitura do *processo crime*—porque é como que da leitura de que se trata—faria a Gil Vicente diante dos próprios condenados ou glorificados, na corte: os reis, os príncipes, fidalgos e clérigos que o rodeavam e o ouviam.

Que nobre altivez a sua! Que juízo distinto, o seu, acerca dos homens do seu tempo! Como era desassombroso e justo o seu carácter!

Mas além das figuras religiosas, que ele tão superiormente envolveu nas grandes harmonias líricas do *Auto da Alma*; e dos criminosos que ele acoitou, mercê das suas enormes faculdades críticas, na trilogia das *Barcas*, na *Exortação à Guerra* e em muitas outras obras do seu teatro extraordinário de impulsionalidade e engenho—além dessas, outro género de figuras retratou Gil Vicente, estas de expressão realista monumental, que são por certo as mais representáveis nos tempos que ora correm.

Quero referir-me aos seus tipos rústicos—dos maiores e mais bellos que criou.

Em verdade, as suas personagens rústicas no *Auto da Feira*, no *Velho da Orta*, na *Farça de Ignez de Pereira*, na *Farça dos Almoçreves* e, mesmo, no inicial e reminiscente *Monólogo do Vaqueiro*, são a sua corôa de glória como comediógrafo. E aqui tenho de justificar, como convém, a razão que me parece ter sido a base promotora da inovação deste género de dramaturgia—a rústica—no espírito do mestre Gil.

E' que pode parecer a quem que ainda até hoje não poderam estudar a obra do insigne comediante, que Gil Vicente sómente escrevera,—em toda a sua vida artística, para a corte deslumbrante que primeiro aplaudiu os autos do seu engenho. Não, Gil Vicente nem só escreveu para a corte; escreveu também para o povo, e perante o povo a sua obra teve de tomar um outro aspecto, servir outras exigências de teatro, ganhar outra expressão, realista, de arte vivida.

E' assim que o meu modesto pensar justifica a bela transição rústica do teatro vicentino—a última de toda a sua obra. E se eu não posso alongar mais—como tanto queria—estas notas sobre a Obra do mestre adorado, não posso, contudo, deixar de referir-me aqui a uma mais das razões que provam, em Gil Vicente, uma alma nascida na terra sagrada em que eu nasci—esse diálogo realista das quatro primeiras figuras do *Auto da Feira*, enequivocamente minhoto.

**

Terminei o meu estudo. Isso que aí fica—rápido o mais possível—escreveu-o a minha alma numa hora de saudade, de olhos voltados para ti—jó terra honrada de Guimarães! Veem-me as lágrimas aos olhos, estremecem todos os meus nervos nesta hora de amor, de esperança e de comovida saudade, em que me volto para ti—jó terra que foste o meu berço! E sinto-me possuído desta imensa ternura, porque desejo pedir-te, ao terminar de escrever sobre o comediante de génio—o amor, que o bendigas, pelo menos tanto quanto a minha alma quer que eu o bendiga!

(1) Este Gil Vicente ourives tivera uma irmã, de nome Filipa Borges—Corpo Cronológico, P. II, maç. 60, n.º 152.
(2) José Maria Rodrigues—A Infanta D. Maria, pag. 28 e muitas outras.

(1) Conde de Sabugosa—*Embraxados*, edição recente.
(2) Brito Rebêlo—*Gil Vicente*, pag. 35 e seguintes.

Lembra-te sempre, terra de Guimarães—que Gil Vicente, teu filho, criando o Teatro Português, criou a tua glória eterna!

Lisboa, Junho de 1913.

Alfredo Guimarães.

GIL VICENTE

Parece definitivamente assente que o altíssimo cómico e autor dos autos, nasceu em Guimarães, sendo, portanto, nosso illustre patricio, segundo crem a maioria dos estudiosos, aproximadamente pelo ano de 1470, conforme perfilha Brito Rebelo. Embora outros lhe dessem a naturalidade em Barcelos e em Lisboa, a opinião preferida é a primeira, depois de longas pesquisas, o que só é caso para profundamente desvanecer os filhos deste mesmo torrão. Dado ainda como mais certo, nas últimas investigações, que a figura do grande poeta fôsse a mesma que a do primoroso ourives—qualidades artísticas diversas que não raro se encontram no mesmo individuo, na época da Renascença—mais se engrandece a já altiva glória nacional, esse homem que, sem ser fidalgo, viveu na corte e pelo seu talento tanto o respeitaram os reis.

Foi ele que, cheio de nobre orgulho, entrou pela câmara da rainha D. Maria, em traje de pastor declamando:

«Pardiez! siete arrepelones
Me pregaron a la entrada,
Mas yo di una puñada
A uno de los rascones».

Era este o célebre monólogo do Vaqueiro, que a corte ouviu atenta, sem se insurgir contra o atrevimento que assim a ia divertir, estando a rainha no leito, ao segundo dia do parto do filho D. João III.

E' sabido que antigamente os paços reais assim como tinham um bobo que os fazia rir com as suas irreverentes truânicas, tinham tambem um poeta que se inspirava para lhes aprazer o espirito com as produções da sua musa, ora em amorosos madrigais, ora em cáusticos epigramas. Gil Vicente foi o trovador por excelência dessa corte medieval, e ele não se poupa a ridicularizar, com as sátiras do seu estro irónico, os defeitos dela e do seu tempo. Não deixou por este motivo de ser perseguido e odiado, como acontece sempre a todos os ousados. Da sua obra, porém, resultaram lições de moralidade que, apesar de mal aproveitadas, nos dão a medida do elevado caracter do poeta. Já se torna inimigo dos padres e os amesquinha nas suas farças:

«Vinha agora por ahi
Ao redor da minha vinha,
E um clérigo, mana minha,
Pardeos lançou mão de mim;
Não me podia valer.
Diz que havia saber
Se era femea, se macho...»

A veia cómica de Gil Vicente vai-se revelando em tantos autos que foram representados, tomando ele próprio parte, e assim com esta forma primitiva sugerida pelos arremedilhos, entremezes e farças, ele consegue fundar o teatro nacional, que mais tarde (tres séculos depois) tem o seu mais alto representante em Almeida Garrett.

E' vasta a obra que legou, prenhada de singeleza e filosofia, como a de todos os grandes, e se hoje não é muito lida pelo estilo antiquado, não deixará de ser sempre apreciada por todos os literatos e admiradores das belas-lettras pátrias. Ser ele um tão luminoso poeta pelas inúmeras obras primas que escreveu, muitas das

quais se perderam, era já glória bastante; mas o fabricante dessa outra obra prima de joalheria que é a Custódia dos Jerónimos—verdadeira filigrana de ouro—é ser certamente um artista de primeira grandeza, um escultor e um sonhador, que tanto cinzela no mármore harmonioso do verso, como no ouro precioso das reliquias!

Uma tal personagem, por menos culta que a nossa terra fôsse, não deve ser esquecida pelos corações de todos os vimezanenses, a menos que eles se neguem a reconhecer o valor dos homens e, consequentemente, a prestar-lhes o culto que merecem. Se a dívida ao primeiro Rei está paga nesse belo bronze de Soares dos Reis—homenagem à intrepidez da sua alma e à dureza do seu braço, conquistando em tempos bárbaros a terra que havia de formar a nossa nacionalidade—a dêsse homem que reuniu tais primores de espirito e foi talvez o maior vimezanense, está por saldar.

E Guimarães precisa mostrar que segue na esteira civilizadora, que não é ingrata aos que a honram e a tornam celebrizada, que não é uma cidade de indiferentes e de leigos, e por isso impõe-se antes que dê até nobres exemplos; e, se me é lícito a mim, humilde admirador de tão subidos méritos, animar a que se pague tão enorme dívida (e que tam pequena se tornará) lembro aos meus patricios, a esses que não vivem no desprezo pelas coisas belas, que se erija ali no nosso jardim público da «Independência», em frente do coreto, um modesto busto do grande vimezanense, onde as rosas vermelhas engrinaldem um esguio e alvo pedestal.

Jerónimo de Almeida.

8 DE JUNHO

Seria muito lisongeiro e muito para louvar que os habitantes desta cidade, de ricas tradições e de labor industrial, identificando-se com a proposta camarária tam patrioticamente inspirada no interesse de reivindicar para a terra de Guimarães a glória de ter sido um vimezanense o fundador do Teatro Português—seria muito para louvar, diziamos, que no próximo dia 8, domingo, os habitantes desta cidade assinalassem a passagem dessa data histórica, embandeirando e iluminando a fachada de suas casas.

Como, porém, este apêlo não logre ser ouvido, não por discordância, de certo, mas porque somos modestos de mais para o formular, possa ao menos ele ser tomado em consideração pelas corporações e colectividades locais, pois é ainda na maneira de consagrar os factos e os homens mais notáveis e mais illustres, que uma prova de civismo se oferece e patenteia.

Jovem Lilia abandonada

Sempre que a vejo a contemplar os céus
Com ar de lirica neurastenia,
Da-me a impressão de estar pedindo a Deus:
—Ao menos, um alferes á infantaria!

Augusto Gil.

ECOS

Mistura salina

Escrevem elles, os... pobres de espirito, que aquilo que nos deve «ralar» e «remoer» é o contraste de umas eleições politicas só contarmos 400 votos, enquanto que os católicos, ainda não há muito, acorreram a tomar a particula da eucaristia, ali ao templo de S. Francisco, em número de 4 mil.

Sim, eram 4 mil, não contando mais 1.000, ou sejam, 5 mil ao todo, que, segundo noticiava o «Mensageiro», cantaram com «delirio» o «Queremos Deus».

Não tiraremos brilho ao marcante feito. Ele foi... estupendo! Só o que nos quer parecer é que maior e mais funesto «delirio»—denirio conossane—é o daqueles que misturam votos com devotos, politica com religião, Deus com Afonso Costa...

É isso que nos «rala» e nos «remoer», pois devem convir que no género analogia—é muito disparatar!

Ainda se eles o não fizessem em nome de Deus!...

Só cobardes?...

A gazeta dominical confessa—obrigada a isso—que efectivamente gastara toda a adjectivação encomiástica disponível nos caixotins em favor do sr. Tenente Valdez, mas que isso não obsta a que nesta data o acusem, acrescenta, visto que ele falhou à sua expectativa.

Nada havia, concordemos, que opôr ao procedimento da dominical gazeta, se esta diferença não ressaltasse:—ja diferença de que os factos de que se servem hoje para acusar o promotor da justiça militar, já eram, à data do seu exercicio, do conhecimento da gazeta dominical!

E' nisto que consiste o nosso reparo, e não na circunstância da fôlha houver mudado de opinião.

Ora, pois:—já porque não o atacaram, porque não lhe chamaram incompetente, mistificador, sectário... tudo quanto agora, só agora, lhe atiram às canélas, agora que ele está longe e que, por isso mesmo, não se pode defender!; já pois não resultaria isso bem mais útil e, sobretudo, mais dignificante, não só para o resultado do processo como para o prestigio no modo de fazer jornal?!

Vejam, aom enos, se são susceptiveis de sentir... vergonha!

O meio dia

A dominical gazeta, que finge servir os sentimentos católicos da população, mais uma vez lisongeira e aplaude os rústicos camponios que, em obediência a um velho hábito, se descobrem, persignam e rezam à hora regimental do meio-dia.

Pois nós, sem querermos que se proíba ou amesquinhe o velho e banal uso católico, mais uma vez aqui ditamos a verdadeira doutrina do Evangelho, que é a própria voz de Deus:

«Quando orares, não faças como os hipócritas que se comprazem em orar de pé, ás vistas de todo o mundo. Tu não: quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu pai que está occulto.»

Mas os legitimos, os puros, os que bem interpretam—o Evangelho... são elles—os hipócritas!

As crianças

Nós não podemos crer que a traquinisse, a diabrura duma criança que corta uma flor num jardim público, mereça o castigo de 5 tostões de multa!

Que se dê conhecimento aos pais para que estes providenciem, como devem,—achamos bem. Que se aplique, sem o cumprimento deste elementar aviso fiscal, uma postura de castigo ao acto duma criança que não põe intenção no bem ou mal das suas traquinisses e diabruras—é isso o que não podemos conceber sem prejuizo de condenar-mos um tal critério de zelador...—com vista ao respectivo.

Novo Delegado

Tendo sido ultimamente transferido para esta comarca o sr. dr. Amadeu Vitor de Miranda Monteiro, que nas Caldas da Rainha exercera o lugar de delegado do Procurador da República, tomou posse do seu cargo, na passada quarta-feira, no nosso tribunal, assistindo ao acto quasi todos os membros do foro vimezanense e outras pessoas que subscreveram o respectivo auto.

S. ex.^a, fazendo por essa ocasião uso da palavra, manifestou o desejo de que todos cooperassem com ele na boa administração da justiça, tanto mais que era novo e bem carecia, portanto, do lial concurso dos que haviam de acompanhá-lo na árdua tarefa que ia iniciar.

Não conhecemos de perto o novo magistrado, mas até nós chegam informações, que reputamos seguras, de que é inteligente e honesto. Tanto basta para que dêle esperemos a prática de actos que deem honra e lustre à magistratura portuguesa, e o tornem respeitado e querido de quantos careçam de recorrer à acção judicial.

Todavia, este jornal não quer, no momento em que dá a noticia da vinda para esta comarca dum novo magistrado, deixar de dizer algumas verdades a esse homem que vem desempenhar entre nós um cargo de alta importância social. Pode ser que dêste modo se evite uma transformação sempre possível, visto como um desconhecido, altamente colocado, é desde logo rodeado pela eterna corte dos bajuladores sem escrúpulos que tratam de conduzir a água ao seu moinho...

A nossa terra,—fique-o sabendo o sr. dr. Monteiro,—impõe-se à consideração dos estranhos pela sua real importância. O povo é bom, trabalhador e na sua maioria honestissimo.

Há, porém, aqui—e isto costuma dizer-se sempre que cá chega alguém animado de boas intenções—uma água chamada da Oliveira, que se dá a beber para transformar os que veem firmemente dispostos a cumprir com lisura quaisquer funções que lhes hajam confiados. E bebida essa água, o forte torna-se fraco ao ponto de deixar de satisfazer com zêlo os deveres inerentes ao seu cargo. A Justiça transmuda-se em corrupção, e, consequentemente, o Direito, a quem pertence dominar tudo e todos, vê-se calcado aos pés de qualquer aguazil que logrou ascender até junto daqueles que estão de posse do vaso que contém toda a divina graça...

A água existe, de facto, mas para o efeito, compreende-se, ela é mera ficção, mero simbolismo; quer dizer: a água traduz esta idea bem exquisita: logo que um novo funcionário chega a Guimarães com ares de quem vem no propósito de proceder correctamente em todos os seus actos, surgem-lhe, aos cardumes, os bajuladores de officio, os intrigantes, os que atravessam a vida praticando encapotadamente o mal, os que vivem, enfim, do empenho no intuito de conseguirem reduzi-lo a um simples manequim.

Mas, abstraindo destas considerações, aqui declinamos a s. ex.^a os nossos cumprimentos de respeitosa e lial consideração, pois

estamos convencidos de que o novo magistrado, porque é inteligente e honesto, saberá manter até ao fim uma linha de conduta em tudo honrosa para ele e para a sociedade vimezanense, cujos interesses vai defender junto do nosso tribunal.

Edificio Escolar

A Irmandade de S. Torquato, reunida em assemblea geral extraordinária, que esteve largamente concorrida, votou por unanimidade, para custear a construção dum edificio escolar naquela freguesia, a seguinte proposta apresentada pelo juiz da mesma sr. dr. António José da Silva Bastos Junior:

«Proponho que para os fins e nos termos prescritos na portaria de 10 de maio do corrente ano, a Meza seja autorizada a vender 5 das inscrições que esta Irmandade possui do valor nominal de 1.000.000 réis cada uma, com os números 168207 a 168211, e 2 do valor nominal de 100.000 réis cada uma, com os números 1909 e 18458, requerendo, promovendo e praticando tudo quanto fôr preciso para ser realizado a aludida venda.

S. Torquato, 1 de junho de 1913».

Julgamos dever aplaudir, com simpatia, a criteriosa e inteligente deliberação desta irmandade, pois que assim vai contribuir para um melhoramento que é, na conjuntura, uma afirmação de patriotismo, não só identificada com o espirito do tempo, o que é muito, mas também com as necessidades da importante localidade, o que é mais.

—Ainda que isto pese... aos «Enguiços»!

Opera lírica em Guimarães

Foi realmente uma arrojada e bela iniciativa a da empresa cinematográfica que funciona no Teatro D. Afonso, apresentando ao público vimezanense a troupe lírica Elena Fons, reduzida ao estilo norte-americano, todavia com elementos que sobremodo satisfazem.

Representou-se ontem a ópera Tosca, agradando muito o sol de Cavaradossi, pelo tenor H. Goire e a voz bem timbrada, embora pouco maleavel do baritono Nistri.

Quanto a Elena Fons, que tem figura e expressão, dramatizou bem o seu papel de protagonista, cantando com relêvo artístico, à altura de merecer os aplausos da plateia.

Fazem falta os côros e a música tem grandes imperfeições; é contudo uma redução de ópera que se ouve com agrado, só sendo para lamentar que a plateia—demais a mais já uma plateia que, como a nossa, não está habituada a tal género de teatro—lhe não seja distribuido o argumento.

Parabéns à Empresa e que o público saiba corresponder à sua iniciativa—que é muito para elogiar.

Hoje e amanhã mais dous espectáculos.

COMUNICADO

Depreendendo-se da «Declaração» feita por José Mendes de Castro, no semanário local «O Lusitano», de 2 do corrente, que se quer atingir a minha pessoa nos ataques pessoais ali feitos, os quais claramente se não podem referir a meu pai, que é o signatário, como único representante da sua casa, da «Prevenção» publicada na «Alvorada» de 29 de Maio findo, e não tendo eu obtido respecta alguma ao convite que àquele industrial fiz, em car-

ta, para que me dissesse, sem delongas, o nome da pessoa a quem tais ataques dizem respeito, venho declarar que tal demonstração de cobardia não vem obstar a que a questão seja liquidada no tribunal, onde igualmente se apresentarão as provas dos abusos que motivaram a «Prevenção» referida.

Luiz Augusto de Pina Guimarães.

Passeio recreativo

Realiza-se no dia 15 do corrente o passeio recreativo à vizinha cidade de Braga, promovido pela direcção da Associação de Classe dos Operários Alfaiates e Costureiras, desta cidade.

Os bilhetes encontram-se à venda nos lugares já anunciados, terminando no dia 10.

A partida deve ser às 5 horas e o regresso às 21.



Consultório dentário

FRANCISCO JACINTO

Cirurgião dentista pela Universidade de Coimbra

Tratamento e conservação dos dentes, dentaduras artificiais, coroas de ouro e dentes a pivot.

Extracção de dentes sem dor. Praça de D. Afonso Henriques, 6 (antigo Tournal).

Um acto bom

José Joaquim da Cruz (o contraste), encontrando-se velho e doente, sem recursos e sem amparo, aceita, com o maior reconhecimento, qualquer auxilio que as almas magnánimas e boas lhe queiram oferecer.

A quem por ventura isto leia e queira praticar um acto bom, um acto da mais alta caridade cristã, pode fazê-lo ou por intermédio deste jornal ou directamente—Rua de S. Dámaso (Traz do Muro).

INSTITUTO MÉDICO-DENTÁRIO

Consultas às quartas, quintas, sextas e sábados de todas as semanas.

Em vista de ter sido muito procurado — o Dr. Lopes da Silva resolveu dar aqui consultas nos dias acima indicado — todas as semanas.

Anúncio ARREMATAÇÃO

1.ª Publicação

No dia 23 do próximo mês de Junho, pelas 11 horas e 30 minutos, e à porta do Tribunal Judicial, sito na rua do Gravador Molarinho, desta cidade, se tem de arrematar em hasta pública e pelo maior preço acima da avaliação, algumas roupas de uso pessoal do inventariado, que no acto da praça estarão patentes, e bem assim os bens de raiz abaixo mencionados, isto em virtude da deliberação dos interessados no inventário de maiores a que se procede por óbito de José Custódio Vieira dos Santos, morador, que foi, na freguesia de Ronfe, desta comarca, e no qual é inventariante José Joaquim Machado Guimarães, da mesma freguesia, a saber:

Propriedade situada no lugar da Igreja, freguesia de Ronfe, desta comarca, composta de casas terreas e telhadas, e ao lado um barraco de madeira e terra de horta com árvores de vinho.

Esta propriedade tem a sua entrada pelo lado sul e está sujeita a uma servidão a pé para a propriedade de Joaquim Pereira de Abreu, e não está descrita na respectiva Conservatória.

Acha-se avaliada na quantia de 300:000 réis, porquanto vai à praça.

Declara-se que toda a contribuição de registo fica a cargo do arrematante.

Pelo presente, são citados quaisquer crédores incertos para assistirem à praça e deduzirem os seus direitos, querendo.

Guimarães, 30 de Maio de 1913.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

P. de Rezende.

O escrivão,

Manuel Ribeiro de Souza Mascarenhas.

Cirurgião dentista

Mário de Sá

Chegou no último sábado, 31 de Maio, a esta cidade, onde se demora 8 dias, este conhecido e hábil cirurgião dentista.

Especialista na conservação dos dentes e colocação dos mesmos artificiais, com perfeição tal, que se torna completa a ilusão.

Consulta na rua 5 de Outubro, 8 (antiga rua de D. Luís).

Anúncio

Arrematação

1.ª publicação.

No dia 22 do corrente, às 11,30 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito na rua do Gravador Molarinho, desta cidade, em virtude de carta precatória vinda da comarca de Santo Tirso, extraída dos autos de execução hipotecária em que é exequente D. Maria Carneiro da

Costa, da freguesia de Lamélas, da dita comarca, e executados Luís Paulino da Silva e Sousa e mulher, da freguesia de S. Miguel das Caldas, desta comarca, se ha-de proceder à arrematação, em hasta pública, dos seguintes prédios:

Duas moradas de casas, tendo uma os n.ºs de polícia 14, 16, 18 e 20, e é formada por dois andares, com salas, quartos, cozinha, estabelecimento de banhos medicinais, tendo no 2.º andar duas caldeiras e dois tanques para depósito de tais águas, e a outra morada de casas não tem numeracão policial e é formada de um andar com diversos compartimentos e tem na parte em que é terrea uma caldeira a lenha com motôr e bomba de pressão, e mais um campo com árvores avidadas, lateiros, rocio e um barracão de madeira, telhado, com diversos compartimentos, existindo em cada um de dois destes compartimentos um pço de águas sulfurosas. E' situado na rua do Dr. Pereira Caldas, povoação de Vizela, desta comarca e foi avaliado na quantia de 13:500\$000 rs.

Uma morada de casas de um andar com um mirante e ramada na frente, com os n.ºs de polícia 6 a 8, situado na Praça da República, povoação de Vizela, desta comarca, avaliado na quantia de 850\$000 rs.

Outra morada de casas de um andar, situada, com os n.ºs de polícia 1 a 5, na Praça da República, povoação de Vizela, desta comarca, avaliado na quantia de 650\$000 rs.

Todos estes prédios serão entregues a quem maior lance oferecer acima do preço da sua avaliação, ficando a cargo do arrematante ou arrematantes metade do pagamento da contribuição do registo.

Pelo presente ficam citados

quaisquer crédores incertos e desconhecidos dos executados. Guimarães, 2 de Junho de 1913.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

P. de Rezende.

O escrivão do 5.º officio,

Eduardo Pires de Lima.

Anúncio

Éditos de 30 dias

2.ª Publicação

No Juizo de Direito desta comarca, e cartório do escrivão do 2.º officio abaixo assinado, correm éditos de trinta dias, que principiarão a contar-se depois da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio, citando os legatários Adelaide Maria da Glória, casada com Venâncio da Cunha, do lugar do Castanheiro, freguesia de Travassós, comarca de Fafe, e Eliza Olinda Cândida de Oliveira Freitas Guimarães, ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para assistirem a todos os termos até final do inventário de maiores a que se procede por óbito de Joaquim José de Matos Guimarães, morador, que foi, na freguesia de S. Torquato desta comarca, e no qual é inventariante João de Matos Guimarães, solteiro, maior, da mesma freguesia, sendo esta citação sem prejuizo do andamento do mencionado inventário.

Guimarães, 22 de Maio de 1913.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

P. de Rezende.

O escrivão,

Manoel Ribeiro de Souza Mascarenhas.

A PRODUTORA VIMARANENSE

Sociedade Cooperativa das Quatro Artes de Construção Civil — Responsabilidade Limitada

Rua 31 de Janeiro — **GUIMARÃES**

Esta sociedade operária encarrega-se da execução de quaisquer trabalhos concernentes às artes de pedreiro, carpinteiro, caiador e pintor, para os quais dispõe de pessoal habilitadissimo, como na prática se há demonstrado, resultando desta circunstancia e da seriedade nos diversos trabalhos, grande economia para os Snrs. proprietários das obras, atendendo às vantagens de que gosam as Sociedades Cooperativas.

Na sua officina executam-se quaisquer trabalhos avulsos e a preços módicos.

INTERESSES NO BRAZIL

O Escritório de Direito Internacional, à rua do Hospício n.º 79 — Rio de Janeiro —, dirigido pelo dr. Carmo Braga, formado pela Universidade de Coimbra, com longa prática

de advocacia em Portugal e no Brazil, advogado do Banco Aliança do Pôrto, da Beneficência Portuguesa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a Direitos e interêsses de portugueses no Brazil, inventários, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providências para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Também aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de alugueis, rendas, juros dividendos, compra, venda e hipoteca de prédios, averbamento de papéis de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no Pôrto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral, — rua da Fábrica, 78. Para referências em Guimarães — com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

ALVORADA
SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura		Preço das publicações	
Ano	1\$200 rs.	Anuncios e comunicados, por linha	40 rs.
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Número avulso	30 "	Anuncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

No Cidadão